

Modos de conhecer e meios de narrar: oceano(s), corrente(s), grafia(s) e logi(c)a(s)

Maria Leticia de Melo Saraiva¹

Tatiana de Lourdes Massaro²

Michel Michaelovitch de Mahiques¹

**“O mar
Quando quebra na praia
É bonito
É bonito”**

O mar, Dorival Caymmi

**“Do not panic ...;
Stay Calm and Seek Help ...;
Float ... or;**

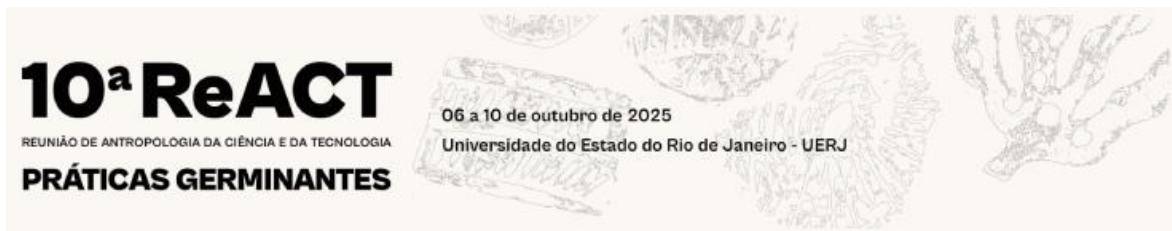
**Swim Parallel to the current ...;
Regularly reassess the situation ...”**

*Survival safety for beachgoers caught in a rip
in* Castelle et al.(2016)

Em um diálogo interdisciplinar, Antropologia e Oceanografia se encontram para pensar relações entre seres. Com foco no movimento do oceano, temos em vista articulações que moldam e são moldadas pelas chamadas *correntes de retorno*. Formadas pela quebra das ondas em determinadas praias, essas podem carregar sedimentos, nutrientes, poluentes, animais e até humanos, notabilizando-se por movimentos velozes, riscos, perigos e por seu (amplo) desconhecimento (Castelle et al., 2016). Tal fenômeno envolve riscos à vida humana, o que coloca uma necessidade de manter distância delas para que se possa entendê-las. A partir das correntes, nos voltamos às relações entre elas, oceanos, pesquisadores, banhistas, guarda-vidas e relações que atravessam as *correntes de retorno*. Nesse sentido, tendo em vista a chamada “virada oceânica” que propõe pensar o tema *a partir de e com o oceano*, e o fato de que estamos na Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030) - ou Década do Oceano, baseada na ciência, a

¹ Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP)

² Programa Formação em Gestão Acadêmica (FGA-USP).



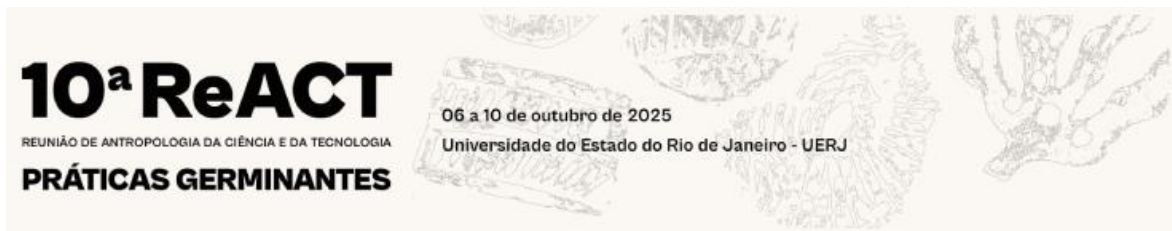
nível global, regional, nacional e local, propomos compreender modos de conhecer, usar e narrar oceano(s), corrente(s), grafia(s) e logi(c)a(s), adentrando suas densidades em meio a uma imensidão de águas e de conhecimento interdisciplinares que com elas dialogam.

Palavras-chave: Oceano; Antropologia; Oceanografia; Conhecimento; Riscos.

Introdução

A chamada “virada oceânica” nos convida a pensar *com* e *a partir* do oceano, abrindo a possibilidade de novas abordagens (como apontam Hester Blum, 2010 e Steve Mentz, 2024). Na relação com a Antropologia, em especial, a metáfora da imersão em águas profundas parece guardar forte semelhança com a etnografia, metodologia utilizada nessa área, que possibilita conhecer por dentro diferentes culturas. Mas, o que acontece quando os estudos se voltam a fenômenos oceânicos no qual não é recomendado imergir? No presente trabalho, Oceanografia e Antropologia olham conjuntamente para as “correntes de retorno”, correntezas marinhas com força capaz de pôr em risco a vida humana, um caso em que é preciso manter distância para realizar os estudos - tanto em uma quanto em outra esfera do conhecimento. Propondo uma aproximação inicial e experimental, reunimos essas duas áreas em uma abordagem essencialmente bibliográfica voltada a essas correntes. Antes de tratar delas em mais detalhes, entendemos que interessa mostrar que o encontro de dois projetos acadêmicos diferentes deu forma a esse diálogo. Para mais, inicialmente, foi o desconhecido e o desencontro (de informações) que se desdobraram nestas reflexões.

Desde 2022, o projeto “A Bifurcação de Santos: presente e passado”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (no. 20/14356-5) é coordenado pelo Prof. Michel Mahiques, pesquisador e professor do Instituto Oceanográfico (IOUSP) da Universidade de São Paulo (USP). Apelidado de SanBif, o projeto, de forma sucinta, investiga o fenômeno da Bifurcação de Santos a partir do fundo marinho dessa região localizada em alto-mar, no litoral paulista. Trata-se da bifurcação de uma corrente transatlântica, que circula entre a costa da África e do Brasil e ocorre entre 1300 e 500 metros



de profundidade na latitude de Santos - daí seu nome. A parte Sul da corrente alimenta a corrente do Brasil e a Norte nutre um importante sistema de correntes ligadas ao clima. O projeto busca entender a história dessa bifurcação, bem como os efeitos climáticos e antropogênicos que incidem nela.

Em 2024, a antropóloga Tatiana Massaro integrou o projeto por meio do Programa de Formação em Gestão Acadêmica da USP (FGA-USP), que selecionou jovens doutores para aprender a gerenciar projetos acadêmicos e, entre outras coisas, estarem preparados para propor, coordenar, gerenciar e desenvolver projetos de pesquisa em suas futuras carreiras docentes. Além desses aprendizados, considerando que o SanBif estuda os impactos antropogênicos no oceano, o tema se ligava em certa medida à sustentabilidade, assunto que Massaro estudou em seu doutorado em Antropologia. Além das atividades referentes ao programa, houve, em paralelo, uma aproximação entre Oceanografia e Antropologia. Aos poucos, conhecer mais sobre o oceano por meio das conversas com pesquisadores, tornou possível entrever algumas relações. Observando um pouco mais de perto, uma delas parece se mostrar no modo como se pesquisa em ambas as áreas: ambas prezam muito, por exemplo, pelo *estar lá* (em campo e/ou em contato com o oceano).

A primeira preza pelas pesquisas feitas no oceano, especialmente aquelas feitas em cruzeiros de pesquisa junto a uma equipe, que permitem estar lá, observando o oceano de perto, fazendo medições e trazendo amostras do fundo marinho. Na segunda, temos os antropólogos indo - em geral, sozinhos - a diversos campos, sejam eles nas águas ou no continente, para conhecer diferentes culturas. Por certo há diferenças metodológicas e analíticas envolvidas, mas é notável que a oceanografia tem em centralidade um não humano (o oceano) em suas análises, enquanto a antropologia pode ter como foco central humanos, não humanos e/ou mais que humanos.

Em meio a uma equipe de oceanógrafas pós-graduandas - uma maioria de mulheres - dedicadas à pesquisa, foi Maria Leticia Saraiva, mestrandia orientada por Mahiques, que em uma tarde de julho de 2025 chegou ao Laboratório de Margens Continentais (LAMA), coordenado pelo mesmo professor, onde parte da equipe trabalha, trazendo à tona o tema das

“correntes de retorno”. Ela havia realizado um seminário sobre esse assunto. O diálogo com Saraiva mostrou que o termo era por vezes desconhecido, gerando curiosidade na antropóloga, o que disparou uma nova apresentação do seminário, feita agora no laboratório. A partir desse momento, as conversas se intensificaram e depois integraram também o Prof. Mahiques. Embora para ambos os oceanógrafos o tema das correntes de retorno fosse já bastante conhecido, para Tatiana este era recente. Para os três, no entanto, uma conversa entre as duas áreas era algo novo e, em certa medida, experimental, o que se reflete na presente abordagem.

Na perspectiva oceanográfica, “correntes de retorno” são fortes correntezas que ocorrem em determinados tipos de praias; elas podem representar um grande risco à vida humana, porque têm o poder de arrastar os banhistas para áreas distantes da costa. Elas são importantes para a circulação costeira porque possuem o papel de carregar água e sedimentos da praia para regiões mais profundas, renovar a água das regiões mais rasas da praia, e até servir de transporte para determinados animais. A formação dessas correntes ocorre através da orientação da quebra da onda, pela existência de barreiras físicas nos limites da praia (costões rochosos, espigões, píeres), ou por eventos extremos como ressacas resultantes de mau tempo. O maior perigo dessas correntes ocorre porque, em geral, não há ondas quebrando onde elas estão localizadas, e isso faz com que os banhistas pensem que é um local seguro, e sejam capturados pelas correntes de retorno.

Em acordo com a chamada “virada oceânica”, pensada em plena Década do Oceano (2021-2030), por sua vez lançada pelas Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável, período dedicado a estudar e divulgar pesquisas sobre os oceanos e sua importância para o bem estar da sociedade e do planeta. Entendemos que os oceanos são considerados bons para pensar, e como temos analisado, o diálogo entre Oceanografia e Antropologia também. Assim, nas seções que seguem, buscamos mostrar um pouco desses diversos modos de compreender, narrar e grafar o oceano e, em especial, as correntes de retorno, por meio dessas diferentes perspectivas e de possíveis conexões entre elas.

Correntes de retorno

Vale mostrar como é estruturada a narrativa e analisá-la trazendo para o texto os principais pontos, como compreensão do tema e riscos, por exemplo. As praias são ambientes dinâmicos, sua morfologia é moldada por forças geológicas e oceanográficas ao longo do tempo, das forças oceanográficas, existem as correntes geradas a partir de ação das ondas, uma delas incide paralelamente à praia e é responsável por distribuir sedimentos de maneira uniforme ao longo de toda extensão praial, é chamada de corrente de deriva litorânea; a outra corrente gerada pela ação de ondas é uma corrente perpendicular à praia e em direção ao oceano, responsável por regular o fluxo de água que incide sobre a praia, é chamada de corrente de retorno, explica o oceanógrafo Pedro Sousa, (2022).

Francis Shepard (1936) determinou que as correntes de retorno se formam quando existem duas correntes paralelas à praia (correntes de deriva litorânea) que convergem entre si e formam uma corrente estreita em direção ao oceano. Essas correntes podem ser controladas pela hidrodinâmica, pela batimetria ou por obstáculos como píeres ou promontórios (Castelle et al., 2016).

Castelle et al. (2026) classificaram as correntes de retorno como:

- Correntes controladas pela hidrodinâmica:
 - Correntes instantâneas - ocorrem quando há um fluxo de água turbulento e ondas em diferentes direções, parte da energia da onda é dissipada quando entra em contato com a área, e o que não é dissipado gera um redemoinho instável, forte e em direção ao mar, que pode alcançar até 100 m de distância. Esse tipo de corrente, apesar de perigosa, se expressa por um período curto, de 2 a 5 minutos, e tende a ocorrer em praias com baixa declividade, que possuem quebra-mares e incidência de ondas constantes.
 - Correntes de instabilidade: ocorrem em praias uniformes e com incidência constante de ondas oblíquas (até 45°), que geram corrente de deriva litorânea, a corrente de retorno se expressa após a zona de quebra de onda, sua ocorrência é incomum porque requer condições oceanográficas específicas.

- Correntes controladas pela batimetria (medição das profundidades em corpos d'água)
 - Canais de correntes: sua formação é parecida com a corrente instantânea, entretanto, a força da corrente escava um canal mais profundo, e “fixa” o local de ocorrência da corrente de retorno, sua principal característica é ser um local sem quebra de ondas, e pode confundir os banhistas porque aparenta ser um local mais calmo.
- Correntes controladas por obstáculos: essa corrente ocorre quando há um limite físico perpendicular à costa, que pode ser natural, como um costão rochoso, ou antropogênico, como píeres e espigões, que interferem no fluxo da corrente de deriva litorânea, elas também podem subclassificadas em:
 - Corrente de deflexão: ocorre quando o fluxo da corrente incide no obstáculo, e para contorná-lo, a corrente migra em direção ao mar, gerando uma corrente de retorno.
 - Corrente de sombra: ocorre no lado oposto do obstáculo de onde há a corrente de deflexão, elas se formam porque se gera uma espécie de “vácuo”, onde a água escoar em direção ao oceano para manter a deriva litorânea.

Apesar de serem fenômenos naturais, as correntes de retorno geram problemas nos balneários porque elas podem gerar afogamentos, um dos maiores problemas ocorre por conta da instabilidade e força da corrente, que provoca afogamentos. Quando a corrente escava um canal, esses acidentes ocorrem porque o banhista é impedido de encostar o pé no chão. Na maioria das vezes, os afogamentos provocados por correntes de retorno se dão pela falta de informação sobre o que fazer caso você caia em uma dessas correntes. Em geral, o caminho mais curto e lógico para retornar a praia é nadar em direção ao continente, entretanto, a força da correnteza é tão grande, que gera o cansaço do banhista e o consequente afogamento.

Existem duas maneiras eficazes de escapar de uma corrente de retorno, a primeira delas é nadar paralelamente à praia, fazendo com que o banhista encontre a zona de quebra de ondas e o próprio mar se encarrega de levar a pessoa para a região rasa. A segunda maneira é simplesmente esperar a corrente levar o banhista até o final dela, na cabeça da corrente

(Figura 2), parte mais profunda que possui correntes de saída. Essas correntes levam o banhista de volta para o trem de ondas, e depois de volta para a faixa de areia.

É necessário reavaliar constantemente sua estratégia, porque a cabeça da corrente tem certa instabilidade de fluxos, e nadar paralelo à costa pode levar o banhista a nadar contra corrente, que gera cansaço e consequentes afogamentos. Pode ocorrer também, do final da corrente de retorno ser antes do início da quebra de ondas, em uma região mais profunda, nesse caso, apenas flutuar pode não trazer o banhista de volta para a praia, entretanto, com certo gasto de energia, é possível alcançar o trem de ondas e voltar à praia (Figura 1).

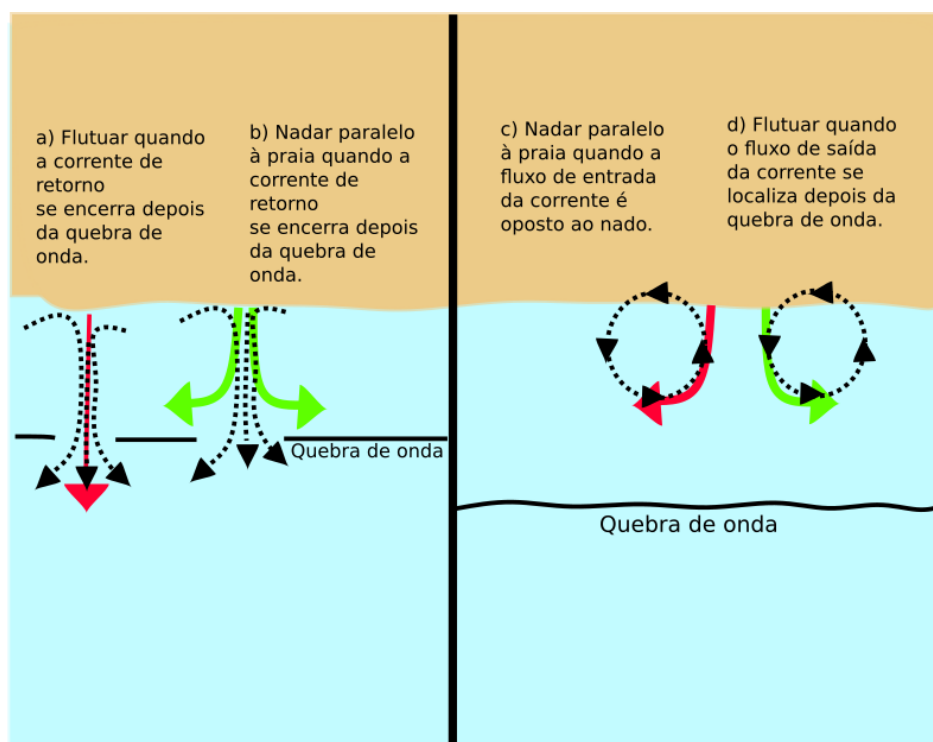
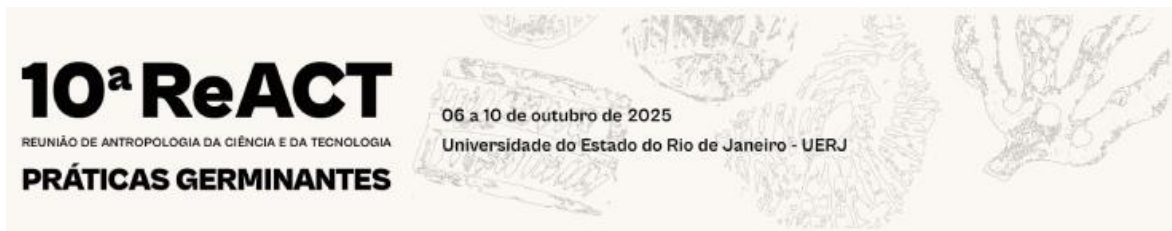


Figura 1. Diferentes maneiras de sair de uma corrente de retorno, de acordo com a maneira que ela se expressa. Imagem por: Maria Saraiva.

Mais próximo do que se imagina

Por mais que pareçam fenômenos distantes ou que não afetam diretamente a todos, as correntes de retorno ocorrem em locais mais próximos do que imaginamos. Um exemplo



é a praia de Copacabana, localidade turística mas também muito frequentada por moradores da cidade do Rio de Janeiro e zona metropolitana. Embora a morfologia da praia seja suave, de média inclinação e média energia, a formação de correntes de retorno nessa praia é constante. As correntes podem ser vistas tanto a olho nú, guarda vidas as identificam e mapeiam essas correntes. Na praia, placas vermelhas com os dizeres “PERIGO” são referentes a essas correntes, que podem ser vistas também via satélite, tamanha a sua intensidade.

A Figura 2 mostra a praia de Copacabana no ano de 2020, ao longo de aproximadamente 700 m (veja abaixo). Nela, é possível observar ao menos 4 correntes de retorno. Também é possível descrever seu corpo, a deriva litorânea nesse caso, levando sedimentos de sul para norte. A corrente de retorno possui então: a garganta, onde há o fluxo mais forte e turbulento de água, que pode “engolir” o banhista, é geralmente nesse lugar onde ocorrem os afogamentos, porque o banhista tenta retornar nadando em direção à praia, e não consegue devido à força da corrente. A cabeça da corrente se localiza em uma região mais profunda, e é o melhor lugar para o banhista sair. Nesse local, o fluxo principal é o de saída da corrente, que coloca o banhista de em direção à praia, sem que ele precise fazer muito esforço (Figura 1d).

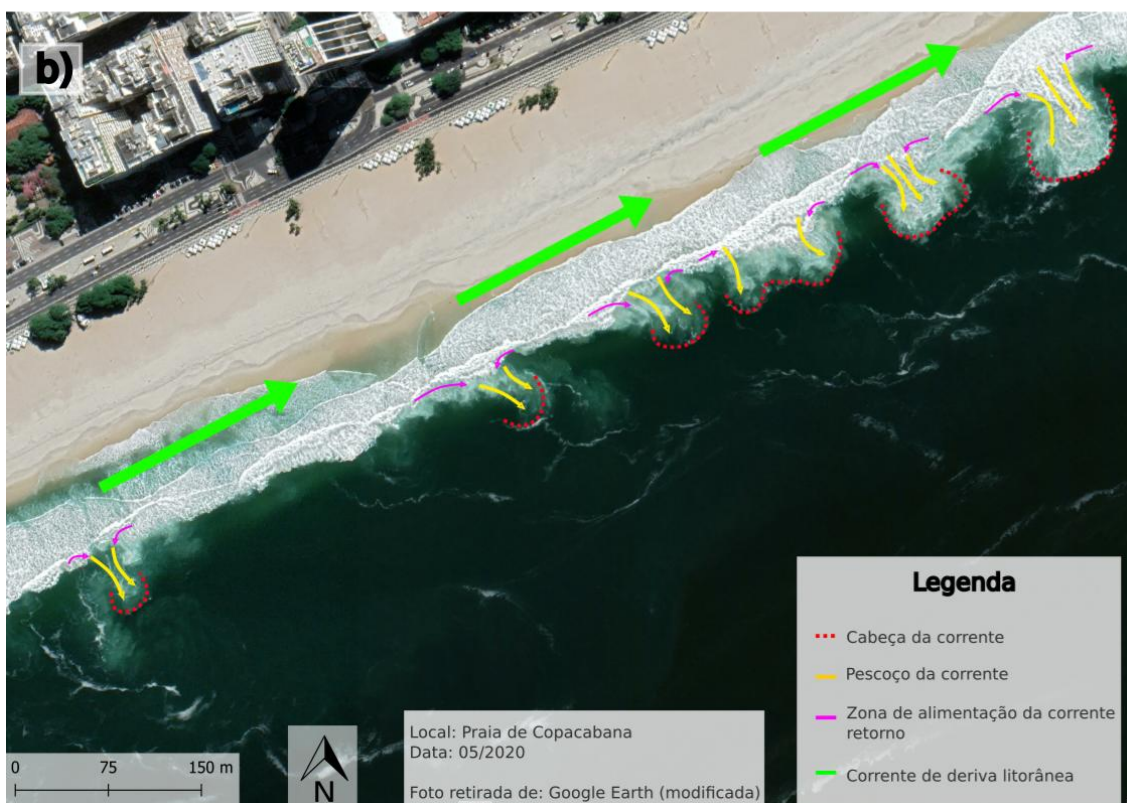
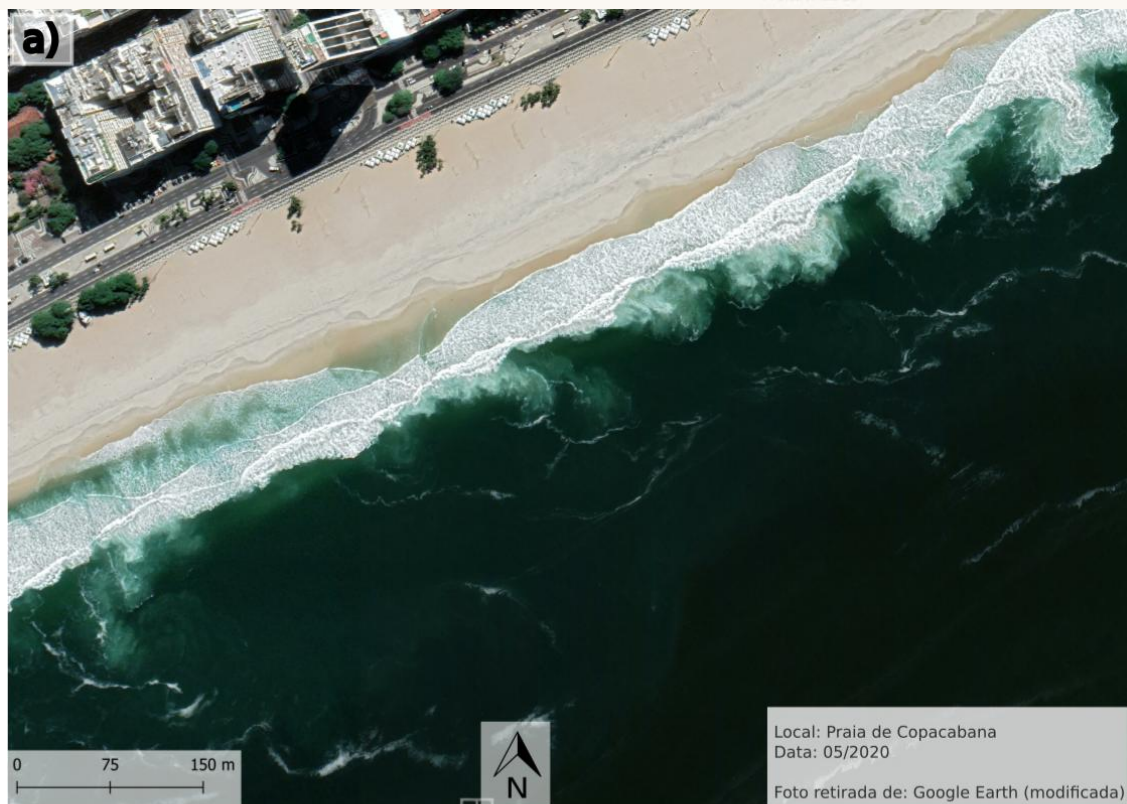
10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



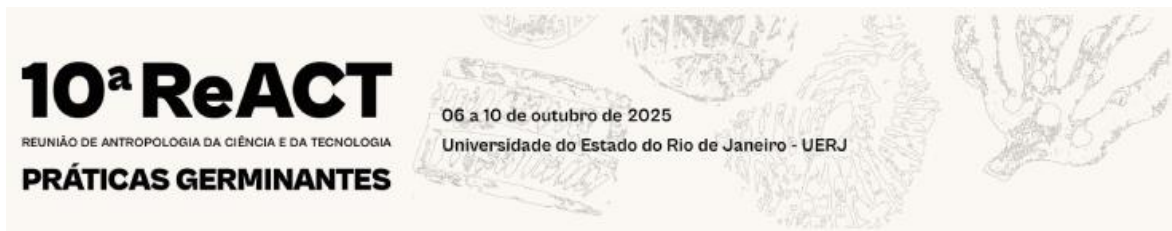


Figura 2: Região norte da praia de Copacabana e suas respectivas correntes de retorno, imagem retirada do satélite landsat, via Google Earth, em maio de 2025. Produzida por: Maria Saraiva.

No dia 10 de outubro de 2025 foi realizada uma visita de campo ao forte de Copacabana, a região da praia não apresentava correntes de retorno visíveis, mas haviam placas com os dizeres “perigo” ao longo da praia, o que não significa que houvessem correntes de retorno no local, pode ser que houvesse outro perigo, como buracos.

No forte foi possível observar formações de correntes de retorno no costão rochoso ao sul da praia de Copacabana, não é uma região banhável porque não há praia, nem há como chegar até o local sem alguma embarcação (Figura 3a). Entretanto, a formação das correntes no local estava muito bem definida, e assim foi possível visualizar as correntes em campo, é importante comunicar que essas correntes não se manifestam todos os dias, a formação delas varia de acordo com a direção dos ventos, ondas, com o período do ano, e se houve ressaca no mar.

As Figuras 3b e 3c foram retiradas em campo, as correntes são facilmente visualizadas na imagem, e se apresentam como um canal de água esbranquiçada que segue em direção ao fundo, e tem a forma característica de correntes de retorno apresentadas na Figura 2, apresentando pescoço e cabeça.

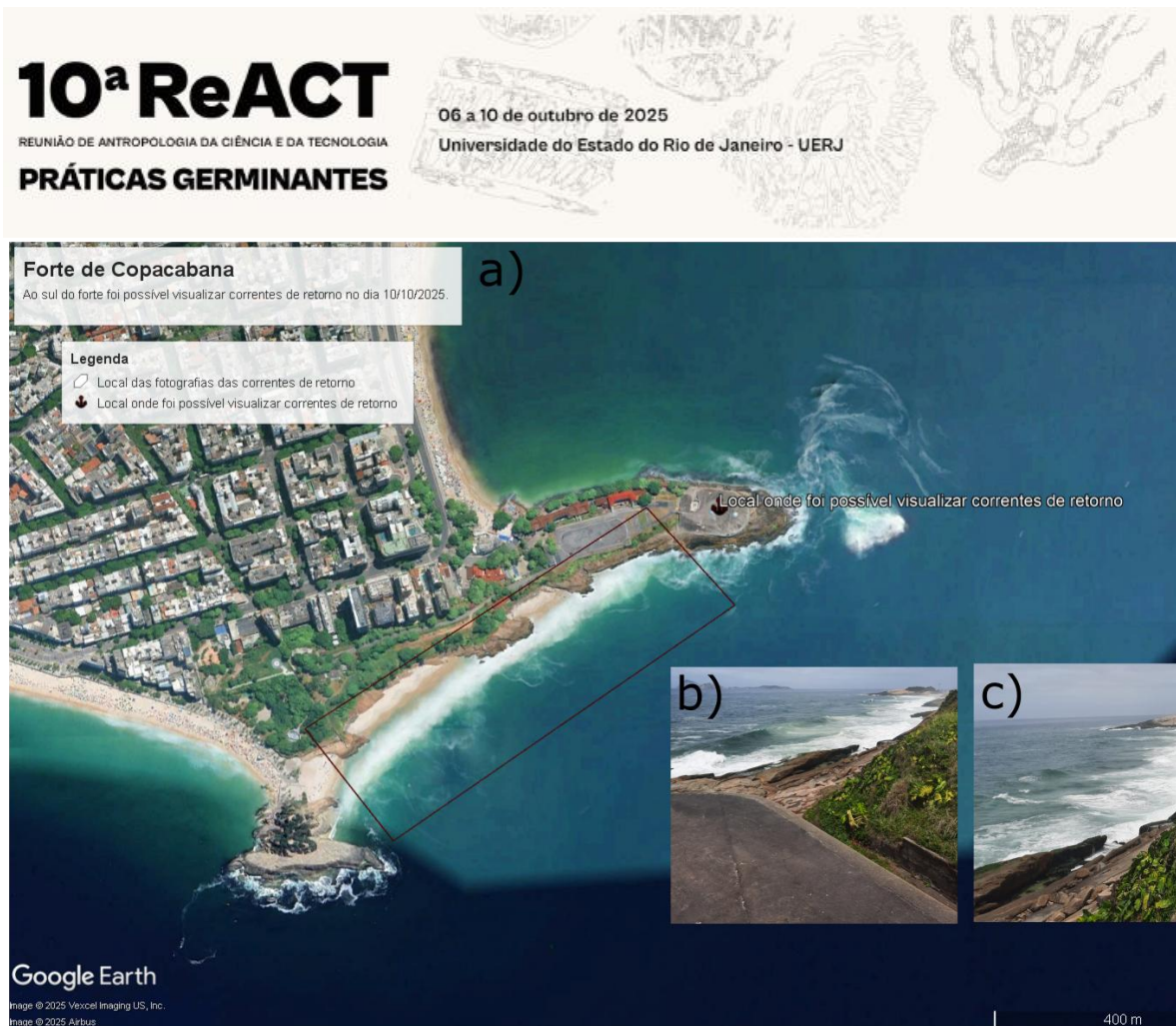


Figura 3: Localização de onde foram avistadas correntes de retorno no dia 10/10/2025. Imagens por: Maria Saraiva e Tatiana Massaro.

Correntes de “não retorno”

O termo “corrente de retorno” é consagrado na literatura oceanográfica, expressando que aquele fluxo de água é retornado para o oceano. Sob o ponto de vista humano (seja do banhista ou do guarda-vidas), paradoxalmente a corrente pode ser vista como de “não retorno”, na medida em que o afasta da costa e, portanto, da segurança e da vida. Em inglês, o termo utilizado é “rip current”, onde o verbo “to rip” pode ser entendido como mover alguma coisa com força ou rapidamente. Numa analogia macabra, RIP também constitui a abreviatura de Rest In Peace, que acaba sendo o destino de muitas das pessoas capturadas pela corrente.

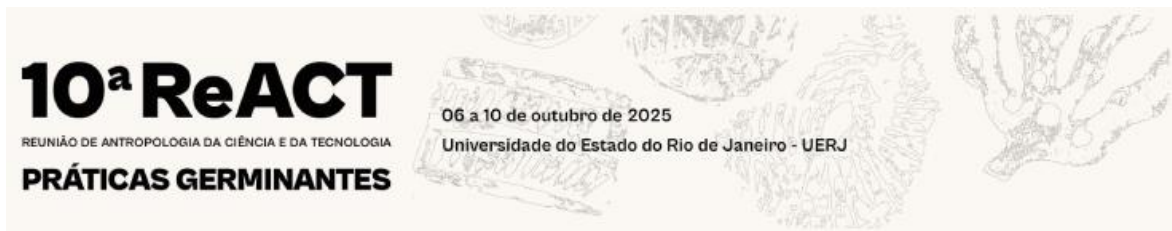
Neste cenário, podemos pensar em (ao menos) dois corpos que se encontram: um corpo d’água, seja ele o oceano, onde está a corrente, e um corpo humano. O corpo da própria

corrente de retorno, em específico, é descrito com cabeça e pescoço - como acima mostramos. Portanto, atributos humanos estão envolvidos na compreensão da própria corrente. No caso de risco de afogamento humano em correntes como essas, cabeça e pescoço são diretamente afetados. Para sair delas, é preciso emergir ao menos a parte superior do corpo humano para melhor se orientar e respirar enquanto busca-se sair da situação arriscada, encontrando maneiras recomendadas de lidar com a cabeça e o pescoço da corrente. Nota-se, portanto, que o corpo é inerente ao assunto, seja para tratar de humanos ou de não humanos. Para que encontros seguros sejam possíveis, recomenda-se que o segundo (humanos) conheça o primeiro (correntes), ao menos em sua extensão mais tangível, física e corpórea, que toca as areias das praias. Conhecimento e alertas são meios utilizados pelos guarda vidas para evitar que essas correntes (de retorno) se tornem de não retorno.

Em certa medida, há esforços para ampliar o modo como o público amplo entende os movimentos marinhos, como as correntes de retorno. Além das placas de perigo colocadas na praia para sinalizar a existência das correntes e de guarda-vidas dedicados a essa proteção, podemos observar outras ações. Na capital carioca, por exemplo, um guarda vidas, bombeiro e praiano, como ele se define na rede social Instagram, vem produzindo e divulgando vídeos onde, de maneira bem humorada, trata de temas como as “correntes de retorno”. Seus alertas são feitos por meio de descrições sobre essas correntes, seus efeitos e modos de evitar acidentes. Algumas delas vem em forma de ritmos musicais, como o pagode. Ele também utiliza imagens filmadas na praia, fazendo narrativas para explicar o fenômeno e buscando fazer com que o conhecimento gere mais segurança na relação entre oceano e humanos.

Oceano e antropologia em (amplo) diálogo: imersão e emersão

O antropólogo Jatin Dua (2024b), ao estudar os oceanos, mostra que a “estética etnográfica privilegia o momento de imersão como chave para uma boa práxis antropológica”. Assim, tem-se a “imersão como um tipo de comunhão alcançada por meio da dissolução”, como a descrita pelo também antropólogo Stefan Helmreich (2009) após seu trabalho de campo realizado no submarino Alvin, o que, nesse sentido soa como um trabalho de campo perfeito. Imersão é, incontornavelmente, uma ideia que pulsa nas reflexões sobre



o oceano e também faz parte do fazer etnográfico - não deixando de perpassar ainda práticas de pesquisa como a bibliográfica.

No entanto, no escopo das correntes de retorno, estar imerso carrega consigo arriscados elementos. Como mostram os pesquisadores B. Castelle, T. Scott, R.W. Brander e R.J. McCarroll, é preciso conhecer essas correntes, saber como lidar com elas para poder emergir e retornar à praia depois de imergir em uma corrente de retorno. Esse movimento exige habilidades específicas e treinamentos, como as desenvolvidas pelos surfistas ou um guarda-vidas experiente. Essa especificidade permite trazer à tona uma contraposição etnográfica: estamos em campo no qual é melhor não imergir, posto que corre-se um alto risco de não retorno (especialmente quando não se tem treinamento). Esse aspecto salutar do fenômeno traz restrições e potentes reflexões sobre como etnografar ou como tratar assuntos como esse, que, por seu turno, se vale do fato de que olhar de fora e com distanciamento é essencial para que se possa seguir estudando a questão. Essas restrições convidam a conhecer por meio de observações do fenômeno *in loco*, da literatura, de documentos, de buscas online, além de possíveis imersões metafóricas

Nosso experimento, em particular, foi iniciado em São Paulo, portanto, longe de uma região litorânea. Nós, no entanto, não estávamos longe dos assuntos oceânicos. É fato que no IOUSP o oceano é mesmo o assunto central. De diferentes maneiras, se fala sobre o oceano (quase) o tempo todo, “abarcados” em um prédio que, de diversos ângulos, remete a um navio. Foi nesse espaço que começamos a conversar sobre as correntes que, como já indicado, remontam às pessoas, praias, oceanos, corpos e movimentos, ou, a humanos e não humanos e a suas relações. Vale dizer que, nem sempre as oceanógrafas e oceanógrafos estão no oceano, mas sempre estão imersas nesse tema em profundidade: nas imagens, nas descrições, na literatura, nas conversas que ocorrem no laboratório e corredores - a exemplo do IOUSP, sobre os estudos ou mesmo sobre cruzeiros de pesquisa que fizeram, que planejam fazer ou que outros pesquisadores conhecidos estão fazendo.

Estar distante do oceano, no entanto, não dispensa a importância de pensar sua materialidade. O mergulho em águas profundas, por exemplo, é tátil, físico, corpóreo,

substancial. Cada um a seu modo, de forma tangível, corpos d'água, diferentes seres (com suas materialidades) e corpos humanos estão envolvidos em fenômenos como os das correntes de retorno. Como mostra a antropóloga Veronica Strang (2004), a água, no entanto, não é apenas um recurso físico. Ela é o recurso mais valioso e também mais contestado; é codificada de forma densa, com significados sociais, ambientais, espirituais e políticos, o que implica na ocorrência de relações e de possíveis controvérsias, seja no escopo coletivo, seja no individual.

O oceano, por sua vez, ao mesmo tempo em que é presença também é ausência, como destaca Dua (2024a) ao concordar com a historiadora Helen M. Rozwadowski (2019), que mostra que embora o oceano seja importante e nos convide a uma sensação de admiração e incompreensibilidade, a um só tempo, essa impressão produz o oceano como algo sempre presente, mas também "fora da história humana". Há uma espécie de "cegueira do mar", como destaca o escritor e fotógrafo Allan Sekula (1995), o que faz com que a maioria das pessoas desconheça as conexões marítimas com a vida cotidiana. Helmreich (2009) ainda mostra que o oceano é visto como "alienígena", existindo fora dos encontros humanos não mediados.

Esse cenário se altera quando dialogamos com a Oceanografia. Ao contrário do desconhecimento detectado nas pesquisas acima mencionadas, por meio da ciência, a Oceanografia coloca suas atenções diretamente no oceano e nas relações que se desdobram a partir dele. A formação de um oceanógrafo, por exemplo, leva no mínimo 4 anos (8 semestres) e contempla Oceanografia Física, Geológica, Química, Biológica e Socioambiental com disciplinas ministradas por docentes e pesquisadores, como ocorreu no IOUSP. Depois da graduação, pode-se seguir para a pós, que contempla mestrado, doutorado e pós-doutorado. Dialogar com eles permite acessar outros modos de perceber, investigar e compreender o oceano.

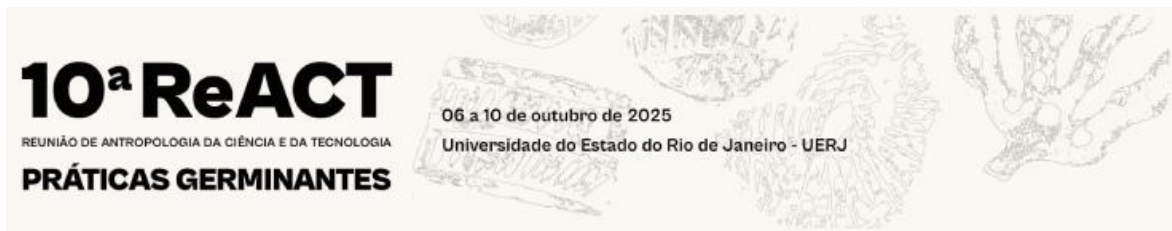
Nesse mesmo escopo, proposições como a "virada oceânica" permitem a escavação de histórias ocultas e infraestruturas analíticas que tanto permitem conhecer mais do oceano quanto experimentar outras linguagens, como defendem os pesquisadores de literatura,

cultura e ambiente humano Blum (2010) e Mentz (2024). Assim como essa virada, as chamadas “humanidades azuis” desafiam a primazia cultural das narrativas padrão sobre o oceano e o mar e a água doce e promovem discursos desantropocêntricos sobre ecologias aquáticas, como enfatiza Serpil Oppermann (2023), pesquisadora de humanidades ambientais. Essas diferentes abordagens podem mudar o jogo e alterar o modo como entendemos as águas (salgadas ou doces).

Grafias e narrativas no/do oceano

Grafia costuma ser compreendida como uma tecnologia de comunicação, assim como pode ser a expressão escrita de uma palavra. A antropóloga Suely Kofes (2020) retoma o sentido arcaico do termo: “*graphein*, *grapho*, ou seja, a sinais de rastreamento, as linhas a gravar, a arranhar, e escrever” para enfatizar que “a descrição se faz com imagens pictóricas, com desenhos, gráficos, fotografias, notações sonoras, nas anotações de campo, nos manuscritos, nos textos publicados” de forma que a grafia amplia a visibilidade do sensível, interferindo na reflexão e na análise. Nesse sentido, entendemos que além de textos e conceitos e das imagens, essenciais à descrição e à análise oceanográficas, aqui destacamos que as linhas que as próprias correntes deixam ver importam em diferentes medidas. Essa espécie de grafia delineada pela corrente registra o retorno das águas ao oceano, permitindo (especialmente àqueles que conhecem) entender seus movimentos.

A própria expressão “corrente de retorno” é constituída tendo o oceano como referência, como indicamos: as correntes voltam (com força) para o oceano, por isso “retornam” ao mar. Embora cunhada por um humano, ela expressa um movimento feito pelo oceano. Como já mencionamos, fosse baseado na perspectiva humana, a expressão poderia ganhar contornos de “correntes de não retorno”. Essas correntes se movem em contraposição às correntes dominantes. Seu movimento faz lembrar outro, aqueles que se opõem ao fato de pensar sobre o oceano, propondo pensar *com* e *a partir* desse, desafio que faz (re)imaginar diferentes reflexões e análises. Para mais, se entendermos “correntes de retorno” em termos de fluxo e movimento, a expressão pode nos levar a considerar fluxos de conhecimentos e saberes ancestrais que têm retornado ao centro dos debates mais contemporâneos. Embora



não seja o objetivo do presente trabalho, vale registrar que será de grande valia entender como tais correntes são mobilizadas nesse escopo.

Vale notar ainda que a própria etimologia da palavra Oceanografia guarda em si o sufixo “grafia”, acrescentando a descrição à palavra oceano. Nesse sentido, Oceanografia significa a descrição do oceano e dos seres vivos e vegetais que o povoam. Descrição e vida entremeiam a própria palavra. No caso da Antropologia, tomando por base o mesmo dicionário (Priberam), temos essa entendida como estudo do ser humano nas vertentes biológicas, psíquicas e sociais e na sua relação com o meio ambiente - o que pode incluir os oceanos. Seus possíveis diálogos aproximam grafias e visibilidades sensíveis e permitem experimentar modos de conhecer e compreender tais temáticas.

Conclusão

As pessoas que vivem com o rio, pensam sobre ele? Esse é um questionamento feito pelo antropólogo Franz Krause (2023), ao estudar as relações entre pessoas e rios na Finlândia. Pensada na chave oceânica, talvez a resposta seja sim, uma vez que o mar entremeia assuntos cotidianos em regiões litorâneas. No entanto, quando se trata das correntes de retorno, há indícios de que se reflita, se pense e se conheça menos sobre elas. Nesse sentido, considerando o desconhecido e o desencontro (de informações), mostramos como esses podem guiar profícuos diálogos entre Oceanografia e Antropologia, o que nos permite conhecer mais sobre fenômenos pouco conhecidos. Reflexões interdisciplinares como essas vêm ganhando lugar em diferentes espaços acadêmicos, como nos debates relacionados à ciência, tecnologia e sociedade, na Antropologia e também na Oceanografia. Por meio de conversas e pesquisa teórica entre diferentes áreas, trouxemos uma mostra desses diálogos, grafias e narrativas sobre o oceano a partir das correntes de retorno, o que coloca questões ao próprio campo (nas duas áreas), dada a dificuldade de imersão em um fenômeno que coloca em risco a vida e o corpo humano. Ao analisar o assunto em interlocução, abarcamos a possibilidade de abrir e desdobrar essa reflexão e pesquisa, buscando colaborar para ampliar modos de perceber e analisar compreensões que envolvem as águas em suas várias e possíveis conexões.

Referências bibliográficas

- Blum H. 2010. The prospect of oceanic studies. *PMLA* 125(3):670–77
- Castelle, B., Scott C., Brander, R.W., McCarroll, R.J. 2016. Rip current types, circulation and hazard, *Earth-Science Reviews*, Vol 163: 1-21. <https://doi.org/10.1016/j.earscirev.2016.09.008>.
- Dua, Jatin. 2024a. “Anthropology of and from the Ocean”. *Annual Review of Anthropology* 53: 165-181. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-041422-012504>
- Dua, Jatin. 2024b. “Anthropology at sea.” *American Ethnologist* 51: 40–46. <https://doi.org/10.1111/amet.13238>
- Shepard, F. P. 1936. Undertow, Rip Tide or “Rip Current. *Science*, Vol: 84: 181-182. DOI: 10.1126/science.84.2173.181
- Gasalla, M. A.; Diegues, A. C. S. People’s Seas: “Ethno-oceanography” as an Interdisciplinary Means to Approach Marine Ecosystem Change. In *World Fisheries: A Social-Ecological Analysis*, First Edition. Blackwell Publishing Ltd. Published: 2011.
- Helmreich S. 2009. *Alien Ocean: Anthropological Voyages in Microbial Seas*. Berkeley: Univ. Calif. Press
- Helmreich, S. Nature/Culture/Seawater. *American Anthropologist*, Vol. 113, Issue 1, pp. 132–144, 2011. DOI: 10.1111/j.1548-1433.2010.01311.x
- Helmreich, S. Waves: an anthropology of scientific things. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, Vol. 4 Number 3, 2014.
- Ho E. 2004. Empire through diasporic eyes: a view from the other boat. *Comp. Stud. Soc. Hist.* 46(2):210–46
- Kofes, S. 2020. R@U, 12 (2), jul./dez. 2020: 12-26. As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico. *Revista de @ntropologia da UFSCar*, 12 (2), jul./dez. <https://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2021/03/2.pdf>
- Mentz S. 2024. *An Introduction to the Blue Humanities*. New York: Routledge
- Oppermann S. 2023. *Blue Humanities: Storied Waterscapes in the Anthropocene*. United Kingdom: Cambridge University Press

Krause, F. Thinking Like a River: An Anthropology of Water and Its Uses Along the Kemi River, Northern Finland. Bielefeld: 2023.

Rozwadowski HM. 2019. Vast Expanses: A History of the Oceans. London: Reaktion Books

Sekula A. 1995. Fish Story. Rotterdam, Neth.: Richter

Sousa, P. O. F. Fatores controladores na geração de correntes de retorno: um estudo de caso para o litoral Norte de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 113. 2022.

Strang, V. The Meaning of Water. Inglaterra: Bloomsbury Academic, 2024.

Maritime anthropology, an introduction. UVD. *Youtube*. Acesso em: 14 Set. 2025.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9uv1ZxvVpE>

Ocean Decade. Acesso em: 14 de Out. 2024. Disponível em: <https://oceandecade.org/pt/vision-mission/>

What's anthropology doing in the Pacific? An introduction lecture. Illinois Simpson Archaeology. *Youtube*. Acesso em: 14 Set. 2025. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=drxxpuU0v5A>

"oceanografia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/oceanografia>